Reflexão sobre o documentário “Holocausto Brasileiro”

Na sempre chuvosa e séria Inglaterra, contam as antigas crônicas, que logo ao sul do que na época se conhecia por Durnovária (Dorchester, Dover), em Wessex, uma ilha era infamemente conhecida por sua entrada ao “outro mundo”, o inferno no nosso brilhante cristianismo. Dizem que tal terra era condenada pelos deuses e todo aquele de bom senso passaria bem longe, no entanto, o bom senso nunca foi uma característica predominante de nossa humanidade e alguns brilhantes homens, acreditaram, ter uma ótima ideia. Porque não fazer desse lugar sagrado pela sua profanidade, uma espécie de hospício? Os mesmos autores, transpirando empatía, dizem que era um local justo, pois, um homem tocado pelos deuses, de dois uma, ou eram grandes druidas e perigosos, ou eram grandes lunáticos e perigosos, nas duas, o perigo era evidente e na garantia, mais valia segregar que sofrer de uma divina ira. Largados sem nenhuma cerimonia e na piedade de Deus, duravam tanto quanto um monastério em mãos vikingas. Terra inóspita, infértil e de clima impetuoso, um verdadeiro delírio, onde uma espécie de sociedade das moscas se construía e o inferno era levado a própria terra, talvez a entrada em si, agora que escrevo, seria a língua de terra que a unia à terra… como seja, essa belíssima ilha se chamava a Ilha dos Mortos (hoje, Portland Bill, Dover).

A história é rica em muitos exemplos, principalmente de barbárie, e está a disposição de qualquer um se divertir com aquela sonora verdade, *passam os anos, muda-se as vestimentas, mas o homem que as veste continua igual*. Saltemos mil e quinhentos anos e observemos os hospitais psiquiátricos franceses da época da revolução, em plena Ilustração, em pleno domínio da Razão, e nada mais vemos do que o puro terror, a indignidade temperada com hipócritas doses de humanismo, obvio, falando em Humanismo, alguns séculos antes, este permitiu transformar, “enobrecer”, o louco em um Homem e não somente numa desculpa literária ou artística, mas, infelizmente, estaríamos mais corretos em nos referir em *quase-homens*. De Erasmo de Rotterdam que ironiza a loucura, tão criticada pelos homens, mas tão boa companheira deles, aos enciclopedistas, que apelam pela laicização da loucura, obviamente houve uma evolução. Mas toda força de impulso, possui sua força de retração, e os positivistas, que vieram a seguir, que presentearam a humanidade com tantos saberes, tiveram uma outra brilhante ideia na sua busca pela explicação racional da dita loucura, entre tantas, porque não alegar a diferença

das estruturas craniais como uma predisposição a esta? Claro que os sãos e civilizados eram os dolicocéfalos, os cultos europeus (e futuros cultos arianos alemães…), e os braquicéfalos, um bando de bárbaros que se diferenciavam dos símios apenas porque falavam. Pelo menos a discussão se possuíam alma ou não foi superada… Como seja, no nosso ilustre país, na revolução de Canudos, uma vez estudada a cabeça apodrecida e decapitada de Antônio Conselheiro, chegou-se a conclusão que tudo era verdade e *voalá*, o problema estava resolto. Na nossa defesa como Homens, diremos que em tal época outras vertentes "mais positivas" (perdoe o leitor a singela ironia) vinham a se juntar nesse rio de ignorância, e no desastre daquele século paradoxal, o XX, de morte e vida, de degeneração e progresso, aquela Ilha dos Mortos, passou a ser a Ilha daquele filme com Di Caprio e terminou na agora sim, verdadeira humanização da loucura com Foucault. A partir dele uma luz iluminou o mundo, todos se deram as mãos, e começaram a cantar odas a favor da empatia e generosidade. Adeus egoismo! Olá filantropia! Que brilhante século! Quantas maravilhas! Seria uma pena se existisse um rio Maina, seria uma pena… se existisse aquele hospital de Minas Gerais, seria uma pena se existissem tantos outros!

Pode ser que nossa teoria tenha evoluído, pode ser realmente que a boa vontade dos nossos sábios exista, mas, desde quando somos governados por sábios? E desde quando o passar da teoria a prática é tao simples? No entanto, talvez, se este que os escreve permite-se ser otimista, muito do que acontecia antigamente se apoiava na impunidade nascida da ignorância, e como aquele anel de Giges, respaldada pela invasibilidade entre o meio, hoje, nessa era de informação, nessa era em que a deúncia e a condena estão a um click de distância, bem como o conhecimento, quem sabe, a conscientização, se deixamos de lado brevemente a predisposição a cegueira, seja possível, pois, sem ela, ou seja, sem apoio do meio, de nada serve a melhor das medicinas.

O documentário dado em aula, e provocativo da nossa humilde e ligeira reflexão histórica, demostra como a cumplicidade do meio é o alicerce do terror e da injustiça. Reiteramos, cada indivíduo é uma soma de fatores, este ser biopsicossocial, não pode ser separado do meio, porque especialmente o que faz dele um homem é o contato com outro homem, é a sociedade, é o que tão constantemente se chama de civilização. Médicos, funcionários e familiares, todos eles, indiferentes pessoas do dia a dia, reiteramos, todos fazem parte do círculo

social do paciente, e digo paciente, não presidiário ou miserável, ou presidiário miserável.

Fechemos todos os olhos, cômoda e tranquilamente, e parabéns, não nos surpreendamos com o que acontece naquelas quatro paredes. Abramos os olhos, e sejamos condenados a um viso de humanidade e vergonha, humanidade nascida da empatia e não da pena, e vergonha, porque fazemos aquelas barbáries com homens que são como nos.

Estão presos como animais? *Não sabia*. Estão desnutridos e sofrem constante violência? *Não sabia*. *Mas não tem cura! O que faria com esse familiar em casa? Tenho filhos, uma vida!* Leia, meu caro filantropo, aquela matricula tao persuasiva intitulada *"loucos e indigentes"*. Você o colocou ali, você. Não entremos naquele falacioso debate moral entre dever ser e ser. Entremos, naquele debate moral do bom senso e da autocritica. Agora você chora, caríssimo amigo e continua com o *"eu não sabia"*, eu não sabia ou não queria saber?

As décadas passavam naquele hospital e ele continuava a funcionar. *"Se havia coisas piores eu não sei"*, *"foi como um pesadelo"*, diz um crítico fotografo, e cada foto, cada rosto naquele preto e branco, realmente, não tenho dúvidas de que assim o sentiriam. E os profissionais? Sou suficientemente humano para aceitar que o meio corrompe, e nessa lógica tao evidente, nenhuma grande inteligência deveria ter se esforçado muito para colocá-la em relação aos "loucos". As redes sociais, cheia desses pseudofilósofos, adoram citar Nietszche e seu *"fale reiteradamente para alguém que é um monstro e este acabará se convencendo disso"*. Oh pobre funcionário! Sofria e sofria, levava para casa todo aquele inferno! Tinha que sobreviver, pagar contas! Oh pobre funcionário! Seu imperativo categórico era obedecer… chamaríamos ele de cômplice? Não tanto quanto a sociedade e o Estado. *"A maioria era negra"*, etc etc, meninos, idosos, uma boneca algemada, ***"como fotografar pessoas que perderam a condição humana?".***

"Holocausto Brasileiro", holocausto quer dizer sacrifício propiciatório. Logo, perguntemo-nos, o que desejamos propiciar ou expiar...

Enfim, escrevemos de forma intempestiva, não do todo acadêmica, mas, se tanto mencionamos o elemento humano, é obvia nossa indignação. Tais linhas transpiram não somente critica como autocritica, pois, de novo, e adoro tocar nesse ponto, quanto desse crime transcende as meras paredes do hospital? Somos futuros psicólogos e se algo devemos honrar, é precisamente o evitar que tais crimes de

lesa humanidade aconteçam, não só do campo do idealismo, claro, mas também do científico, e se tao acusada é esta pela dessubjetivação, nosso papel, é provar o contrário, provar que é possível harmonia, que é possível senão mudar, pelo menos, melhorar a nossa própria natureza.

Sacha Calabrese Modolon